CARTILHA COLORSdj LGBTQIA+

CARTILHA COLORSdj LGBTQIA+

ÍNDICE

CAPÍTULO I - COLUNAS DO ORGULHO LGBTQIA+

TATI FERNANDES | 28 de Junho 03
HEBERT VILLELA | Não Binariedade e decisões precursoras na esfera judicial 05
CARLA BAKER I Mês do Orgulho e movimentos civis LGBTQIA+ no Brasil 08
THIAGO SAVEDA | O que é que eu vou fazer com essa tal diversidade? 11

CAPÍTULO II - AUTOACEITAÇÃO

TATI FERNANDES | Como me descobri e me aceitei 15
JAN KUMAGAI | Trajetória - Das cinzas às Unicórnias 18
FE TAVARES | No caminho da minha felicidade 20
RAVI SILVEIRA | Carta à menina que reinava em mim 22
KUKUA DADA | Como é ser Kukua Dada? 24
JULES | Duas descobertas: não-binariedade & autismo 26
CADU BONDEZAN | Não escolhi, tive sorte 29
HEBERT VILLELA | Da Bichinha intimidada à Bicha em empoderamento 31
THIAGO SAVEDA | Hoje eu sou gay, mas eu não nasci gay 37
IGOR FONTELES | Um cronograma sobre auto aceitação 42
DIEGO AGANETTI | Florzinha de meu Deus 45

CAPÍTULO I

COLUNAS DO ORGULHO LGBTQIA+

28 DE JUNHO

Dia 28 de junho é o dia internacional do orgulho LGBTQIA+, mas tem uma coisa que quero falar com vocês: é dia de celebrar o orgulho, de festejar, porém também é um dia de conscientizar. Primeiro de tudo lembrar da nossa história, dos que vieram antes de nós, do levante de Stonewall, de tanta luta para chegarmos até aqui. Lembrar da nossa história para que ela continue viva. Lembrar para que a gente entenda que muitos nos inspiraram e que agora é nossa vez de inspirarmos **quem** quer que seja. Pode ser uma única pessoa, não importa. Mas agora é nosso dever continuar a corrente do bem e propagar toda essa motivação para lutarmos pela nossa felicidade.

Já fiz vídeo e textos dizendo tudo isso, então queria aproveitar o dia pra fazer um apelo para vocês: **tenham compaixão com quem ainda está dentro do armário**.

Ninguém fica no armário porque quer. Dá medo demais sair dele. Medo da rejeição ou coisa pior. Ainda vivemos em um país com números alarmantes de LGBTs expulsos de casa, violência, estupros corretivos, somos o país que mais mata LGBTs do mundo.

Eu recebo muitas mensagens de pessoas perguntando como fazer pra sair do armário.

Não existe uma forma certa. Existe a sua forma e o seu momento! Ninguém tem o direito de acelerar sua hora. Ninguém tem o direito de te pressionar a sair dele! Só você sabe o que está passando e a hora certa de fazer isso! Mas eu te prometo que é possível você ser feliz sendo exatamente quem você é! Mesmo com todos esses dados terríveis de preconceito que ainda nos acompanham, é possível ser feliz!

Não somos LGBTs apenas no mês do orgulho, somos o ano inteiro.

Pagamos conta, cuidamos da casa, amamos, temos términos, recomeços, escovamos os dentes, temos pets, fazemos exercícios, compramos coisas, fazemos mercado, tomamos banho, fazemos viagens, temos amigos e familiares, vemos filmes e séries (e muitas vezes só queremos nos ver representados neles) etc.

Então gente, vamos celebrar sim! Mas vamos também lutar por essas pessoas que ainda estão dentro do armário para que o mundo seja mais seguro para elas! Compaixão e empatia! É o que precisamos!

TATI FERNANDES

NÃO BINARIEDADE E DECISÕES PRECURSORAS NA ESFERA JUDICIAL

Antes de adentrar no tema designado, cabe ressaltar que o autor e pesquisador que desenvolveu esse texto, tratará do assunto através de uma perspectiva jurídica, mas para tanto se faz necessário a conceituação de certas terminologias para o entendimento geral do contexto.

A população LGBTI+ ao longo de sua história de luta e resistência vêm percebendo a especificidade de cada letrinha dessa sopa colorida. Inicialmente denominado Movimento Gay, passou para Movimento GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), depois para Movimento GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Simpatizantes, Transexuais e Travestis), após passou por uma adequação de ordem das letras, onde o L para obter maior visibilidade, passou então para LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis), e hoje temos o LGBTI+, que seriam lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, intersexos, e o + todas as demais orientações sexuais e identidades de gêneros que já se pontuaram e possam vir a pontuar na pauta de orientação sexual e identidade de gênero. Essa mutação da sigla reflete muito bem o remodelamento que o Movimento passa e sempre passará ao longo da evolução cultural e sexual.

Na questão de identidade de gênero, transexualidade ou transgeneridade, se é que elas possam ser sinônimas, as organizações, movimentos e pessoas do próprio movimento consideram que se trata de um elemento "guarda-chuva" que abaixo dele se encontram diversas vertentes de transexualidades. Entre elas, a não binariedade, ou gênero neutro, ou agêner

Pessoas que se identificam como não binárias, mais até que as pessoas transgêneros no geral, lutam e resistem incessantemente contra a cultura ciscompulsória que a sociedade impõe às pessoas. Essas pessoas entendem que o binarismo estrutural imposto ao nascermos nos enquadram em duas "caixinhas" que ao longo de suas vidas passam a perceber que ali elas não se encaixam. Elas possuem uma concepção que seus gêneros ultrapassam a mera identificação do feminino e do masculino.

Bom, as conceituações de identidade de gênero e sexualidade deixarei para meus colegas pesquisadores e estudiosos acerca dessa temática ampla e diversificada. Trataremos aqui sobre conquistas jurídicas relevantes para essa coletividade, que possuem articulações políticas muito recentes, mas que já refletem na esfera pública.

Com a ADI (Ação Direta de Insconstitucionalidade) nº 4275 de 2018, o Supremo Tribunal Federal passou a reconhecer o direito das pessoas transgêneros retificarem seu prenome e "sexo" no registro civil, sem a necessidade de cirurgia de transgenitalização ou hormonização. O STF entendeu que a identidade de gênero é manifestação da própria personalidade da pessoa humana e, como tal, cabe ao Estado apenas o papel de reconhecê-la, nunca de constituí-la.

Essa decisão foi um marco para a pauta de identidade de gênero, que a princípio reverberou significativamente para as pessoas transexuais femininas e masculinas que almejavam a retificação de seus gêneros. No entanto, tal decisão abarca todas as pessoas que são caracterizadas civilmente por um gênero dissonante do qual realmente se identificam, como no caso das pessoas não binárias.

Em 2020, em Santa Catarina, foi promulgada uma das primeiras decisões judiciais de um caso específico, onde a Magistrada reconheceu o direito da pessoa pleiteante de declarar que o seu gênero não é nem masculino nem feminino, e sim neutro. A juíza entendeu que "*impedir as pessoas de serem o que sentem que são é uma afronta à Constituição*", e que é importante garantir a elas "*o direito fundamental à autodeterminação de gênero, livre de qualquer espécie de preconceito, opressão e discriminação*". A juíza analisou a questão pelo viés interno, chegando à conclusão de que há cariótipo segundo a Teoria do Direito Mudo, ou seja, há uma voz muda na história da sociedade, e igualmente do legislador, sobre a identificação neutra.

Sem jurisprudência firmada no Brasil, a magistrada justificou a possibilidade de utilizar decisões de países com sistemas compatíveis, para compor o formante jurisprudencial. Ela lembrou que o gênero neutro é um conceito adotado pela ONU, para as "*pessoas que nascem com características sexuais que não se encaixam nas definições típicas do sexo masculino e feminino*". A magistrada pontuou ainda que o Supremo Tribunal Federal já se manifestou a favor da possibilidade de mudar o registro do sexo, independentemente do órgão sexual físico. Para ela, "*o Poder Judiciário, diante dos casos concretos, deve funcionar como respaldo jurídico, freando a discriminação das minorias e garantindo a todos o exercício pleno de uma vida digna*".

Em uma outra demanda judicial, a 7ª Vara da Família e Sucessões da Comarca de São Paulo – TJ SP, foi proferida agora em 2021, uma decisão no mesmo sentido. A pessoa autora da ação alegou que fora registrada sob o gênero feminino, entretanto, desde sua adolescência, sofre desconforto com o gênero que lhe fora atribuído, e ainda não se identificando com gênero algum, desse modo requereu a retificação de seu registro civil para não binário, e a retificação de seu prenome. A sentença judicial fundamentada pelo respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana, o direito da autodeterminação sexual, legitimou à adequação da identidade da pessoa, segundo sua própria percepção, sem necessidade de estudo ou laudo que comprove tal questão. Afirmou ainda a Magistrada que "*É certo afirmar que os documentos públicos devem corresponder à realidade da vida. Sob o ponto de vista daqueles que os detém, devem ser compatíveis com questão da individualidade e dignidade da pessoa humana. Sob o prisma da questão Estatal e formal, gerar segurança registral*". E desse modo julgou procedente o pedido para a retificação de prenome e gênero no registro civil, determinando constar como gênero não especificado ou não binário.

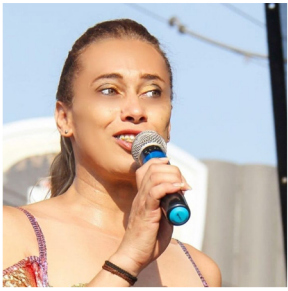
Dessa forma, nota-se que uma jurisprudência, ainda que embrionária e de primeira instância, vem se formando. Situação essa que fortalece cada vez mais as decisões nesse caminho, e que pode inclusive ser objeto de ser pacificado e que não se faz necessária a judicialização para se obter a efetivação de tal direito.

As **não binárias**, discussão de linguagem neutra a parte, ainda possuem muitas conquistas a serem realizadas, pois o impacto que essa questão jurídica pode ocasionar são diversas, e devem ser regulamentadas de acordo com os entendimentos das demandas descritas acima, por exemplo, como seriam o pleito dessas pessoas por Direitos Previdenciários, um (Cis)tema binário, rígido administrativamente, e de difíceis embates judiciais.

Entretanto a esperança permeia o Movimento com tais avanços, e dificuldades sempre existirão, mas a população LGBTI+ nunca deixou se abater por enclaves estatais que surgem em suas lutas.

Fontes:
BRASIL, STF
http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADI4.275VotoEF.pdf

HEBERT VILLELA



MÊS DO ORGULHO E MOVIMENTOS CIVIS LGBTQIA+ NO BRASIL

Junho já se estabeleceu como o mês do orgulho LGBTQIA+ no Brasil. Podemos observar o foco das pautas contra a LGBTfobia e o respeito à diversidade sexual e de gênero nos grandes veículos de mídia, até mesmo muitas empresas aderem às cores do arco íris (símbolo do movimento LGBTQIA+) em suas propagandas. Mas como isso começou?

No Brasil, em sua primeira edição na Avenida Paulista em São Paulo no dia 28 de junho de 1997, a Parada do Orgulho Gay reuniu cerca de 2 mil pessoas com o tema "**Somos muitos, estamos em várias profissões**". Desde então o movimento só cresceu, reunindo cada vez mais pessoas, tornando- se o evento que atrai mais turistas à cidade de São Paulo e, no Brasil, fica atrás apenas do Carnaval do Rio quando se consideram os turistas internacionais. Segundo os organizadores, a edição de 2011 apresentou o maior número de participantes de sua história, estimando-se 4 milhões de pessoas. Devido à pandemia de COVID19, há dois anos os eventos acontecem online.

Lá em 1997, usava-se o termo GLS para se referir à Gays, Lésbicas e Simpatizantes, sendo esse último qualquer pessoa que não se defina gay ou lésbica, mas que também apoiasse a causa, um termo um tanto vago, e por isso, em 1999 a ONG Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT), organizadora do evento, alterou o nome para Parada do Orgulho GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros). Nove anos mais tarde, em 2008, a ONG alterou novamente a sigla para LGBT, a fim de promover maior visibilidade às lésbicas no movimento e também de padronizar o nome do protesto com os de outros países, adotando o nome Parada do Orgulho LGBT.

Em 2016, ano em que a manifestação completou 20 anos, o prefeito de São Paulo em exercício, Fernando Haddad (PT), assinou um decreto incluindo a Parada do Orgulho LGBT no calendário oficial de eventos da cidade, a partir de então, o evento se tornou oficial, acontecendo no mês de maio ou de junho, anualmente.

Além disso, também ficou determinado que a administração municipal poderá, se quiser, colaborar financeiramente com o protesto. Na edição de 29 de maio do mesmo ano, houve grande mobilização pela aprovação da **Lei de Identidade de Gênero**.

A sigla mais atual que temos hoje é LGBTQIA+, acrescentando a sigla "Q" para Queer, termo em inglês que inicialmente possuía um sentido pejorativo contra todas as pessoas que não se adequassem a uma norma de gênero, algo como "estranho" em português, mas que hoje é ressignificado para representar as pessoas que não se identificam com o gênero masculino ou feminino especificamente, podendo fluir entre eles (gênero fluido) , expressar os dois ao mesmo tempo (andrógino) ou simplesmente não expressar nenhum (agênero); a sigla "I" para intersexo que descreve pessoas que naturalmente desenvolvem características sexuais que não se encaixam nas noções típicas de sexo feminino ou sexo masculino, não se desenvolvem completamente como nenhuma delas ou desenvolvem naturalmente uma combinação de ambas; a sigla "A" representando as pessoas Assexuais que não sentem atração por nenhum gênero, por fim o sinal + para incluir todas as mais variadas classificações existentes relacionadas a gênero e sexualidade, como por exemplo, a Pansexualidade que descreve pessoas que sentem atração por pessoas independente de gênero.

Atualmente, a manifestação é considerada uma das maiores do mundo e observamos uma crescente manifestação da letra T da sigla, que une Pessoas Transgênero, Transsexuais e Travestis por maior visibilidade dentro do movimento, pois ainda vemos seus corpos sendo marginalizados e enfrentando as maiores adversidades dentro da sociedade como a violência, a exclusão social, dificuldade de conclusão do ensino médio, acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho, juntamente com o apagamento até mesmo dentro do movimento LGBTQIA+ em detrimento de um foco em homens gays e brancos.

Inclusive, o maior levante LGBTQIA+ da história recente teve em sua linha de frente duas travestis estadunidenses, **Marsha P. Johnson**, negra, drag queen, prostituta, modelo de Andy Warhol e, acima de tudo, tornou-se uma figura fundamental nos primeiros anos da luta LGBT contemporânea nos Estados Unidos junto com sua amiga **Sylvia Rivera**, para além da revolta de Stonewall, as duas também foram ativistas em várias organizações, como a **Sweet Transvestite Action Revolutionaries (STAR) - "Ações Revolucionárias da Doce Travesti**", em tradução livre - que trabalhava para tirar pessoas trans das ruas ajudando outras pessoas, mesmo que ela mesma estivesse frequentemente nesta posição. Seus atos de desobediência civil contra a repressão policial no bar Stonewall Inn em Nova Iorque, local frequentado por gays, lésbicas, transexuais, drag queens e outras pessoas marginalizadas que encontravam ali um dos poucos refúgios possíveis para expressar e socializar livremente, estabeleceram uma resposta de que essas pessoas não viveriam mais nas sombras, mas lutariam por seus direitos e dignidade.

Esse confronto em 28 de junho de 1969 foi o estopim de diversas manifestações públicas e um marco da luta LGBTQIA+ atual, pois até então a homossexualidade era considerada ilegal e a comunidade LGBT enfrentava constantemente a violência policial pelo simples fato de existir, as leis da época estabeleciam várias proibições relacionadas à vestimenta, sendo proibido até mesmo dançar com alguém do mesmo sexo. A revolta de Stonewall foi um basta nessa realidade e desde então lutamos para garantir nossos direitos. Um ano após a rebelião de Stonewall, milhares de pessoas da comunidade LGBT+ marcharam do local do bar até o Central Park. Essa marcha foi reconhecida como a primeira parada gay dos Estados Unidos. É por causa da revolta de Stonewall que o orgulho LGBT (Lésbico, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti) é celebrado em junho - o Dia do Orgulho é na mesma data em que aconteceu o levante em Nova York, no 28.

Só para finalizarmos com a reflexão do quão importante é a todes nós apoiarmos a luta LGBTQIA+, atentem-se ao fato de que foi só em **17 de maio de 1990, há 30 anos, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)**. Uma enorme conquista que ainda hoje é frequentemente atacada por políticos evangélicos que frequentemente propõem que se aplique "Cura Gay" entre outras aberrações que ferem os nossos direitos de existir. Muito direito foi conquistado, mas ainda há um enorme caminho a percorrer no combate à LGBTfobia.

Nos siga nas redes sociais **@LgbtqiRegional** e **@CarlaBakeroficial**

CARLA BAKER

O QUE É QUE EU VOU FAZER COM ESSA TAL DIVERSIDADE?

Esta coluna poderia ter música de fundo para que você, leitor, pudesse ler o título no ritmo da música "Essa tal liberdade" do grupo de pagode Só Pra Contrariar. A letra da música fala do sentimento de alguém que perdeu um grande amor porque se aventurou nos braços de outro alguém. Então, agora esta pessoa curte a solidão, o arrependimento e a saudade. Bem, Saveda, mas o que tem a ver Zé com Mané?

E vou complicar um pouco mais, quero colocar nessa pauta uma problematização que vem me atormentando há um certo tempo: como é possível efetivar um diálogo fraterno global entre povos e grupos culturalmente tão diferentes entre si? Eu não consigo enxergar simetria em um diálogo, historicamente construído, em que numa ponta está o oprimido e na outra o opressor. Fui ler alguns textos para tentar compreender essa situação e, de fato, parece-me, a partir da leitura dos textos, que esta paridade é complexa.

Eu fiz a leitura do texto "Diversidade cultural como discurso global" de Gustavo Lins Ribeiro, publicado na obra "Outras globalizações: cosmopolíticas pós-imperialistas", também li a coluna do Thiago Amparo, publicada no site da Folha/UOL, intitulada "Você pode substituir diversidade por igualdade, por exemplo" e o texto "A polissemia das palavras" de Renato Ortiz publicado na obra "Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo".

Minha experiência com a leitura destes textos me resultou nesta básica bricolagem:

A universalização do discurso da diversidade cultural poderia ser a salvação das relações humanas no âmbito político, no entanto, como afirma Ribeiro (2014):

"Para que um discurso fraterno global seja efetivo no mundo contemporâneo, é necessário (a) renunciar a qualquer pretensão de ser a única e válida solução universal, (b) anunciar e denunciar seus próprios pré-conceitos, (c) adentrar em diálogos complexos com diversas cosmopolíticas que são formuladas no mesmo campo semântico global, afim de (d) encontrar as equivalências existentes dentre as várias formulações, torná-las explícitas e mantê-las em relações conscientes, para que nenhuma formulação seja escolhida como representante de toda a humanidade. Em um mundo global, entramos em uma era de declarações pós-universais. Em um mundo global qualquer declaração universal está condenada à contestação imediata. O único universal possível é o processo de negociação democrático e a manutenção dos equivalentes em tensão".

Dessa maneira, conforme afirma o mesmo autor, é fundamental um projeto pensado e elaborado por instituições e redes envolvidas nesse processo, além disso, ambas devem se envolver e ampliar práticas democráticas que possibilitem a propagação da diversidade e fazendo que ela tenha efetivamente influência no processo de tomada de decisões. *"Não existem soluções fáceis para os conflitos de poder inerentes a qualquer campo político. Em muitos casos, a maioria das mudanças depende da natureza da distribuição do poder em campos específicos formados por agências e redes específicas"* (Ribeiro, 2014).

Diante disso, percebi que a definição de universal se tornou um problema no contexto da globalização, fazendo o discurso da diversidade um universo de disputas e que, como uma ideologia central, os cosmopolitas tentam universalizar. Segundo o texto do Ribeiro (2014), cabe duas compreensões aí: *"criticar ou opor-se a cosmopolíticas faz parte das regras democráticas no cenário global. Já criticar ou opor-se a um universal equivale a emitir um certificado de falta de compreensão ou desrespeito por um valor civilizador fundamental"*.

É importante para este debate a noção de universalismo e diversidade de Renato Ortiz (2015), o qual afirma que a diversidade cultural se apresenta pela ocorrência de sociedades que se encontram em um território. Para ele, é na *"coexistência de multiplicidade de temporalidades"* que se deve problematizar o universal e a diversidade. Ele declara também que *"o retrato de um mundo multicultural formado por um conjunto de 'vozes distintas' é idealizado e falso"*. Afirma que *toda diferença é produzida socialmente, sendo portadora de sentido histórico"*. Ortiz enfatiza que é necessário *"compreender os momentos em que o discurso sobre a diversidade oculta questões como a desigualdade"*.

É aí que Thiago Amparo cabe como uma luva, pois, o conteúdo da sua coluna ilustra bem esta situação:

"Diversidade é ter uma pessoa "diversa" para chamar de sua. É chamar uma única mulher em um congresso com dez homens na mesa. É ter uma pessoa LGBT em sua empresa como oficial de diversidade num mar de pessoas heterossexuais, ter um único diretor negro em seu departamento, ter alguns parlamentares negros num Congresso Nacional composto por 75% de homens brancos heterossexuais.

Diversidade é almejar um mundo que parece uma boy band dos anos 90, com uma pessoa de cada etnia.
Igualdade, por outro lado, é ter o top 5 de autores mais vendidos na Flip 2019 negros e indígenas, com obras que falam sobre temas diversos, de racismo a música. É reverter os parâmetros culturais a que crescemos acostumados e permitir, por exemplo, que negros contem e sejam protagonistas de suas próprias histórias e não serem reduzidos a meros lacradores - com a peculiaridade e individualidade a que tem direito outras pessoas".

Diante dessas valiosas reflexões, o problema que me assolava agora só me assombra, porque já é visível um caminho possível para construir um projeto de diálogo entre diferentes e desiguais, no entanto, não deixa de ser um trabalho árduo.

Já a relação que existe entre o tema desta coluna com a letra da música "Essa tal liberdade" é o problema que eu quero deixar instalado na sua reflexão, caro leitor, pois não me parece justo que questões me perturbem e não aconteça a mesma coisa com você.

Para finalizar, obviamente, eu gostaria muito de saber se você conseguiu dar conta dessa reflexão. Me escreva. Vou ficar esperando.

Referências
- AMPARO, Thiago. Você pode substituir diversidade por igualdade, por exemplo. Colunas e Blogs. Folha de São Paulo. Julho de 2019. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2019/07/-voce-pode-substituir-diversidade-por-igualdade-por-exemplo.shtml. Acesso em Abril de 2021.

- ORTIZ, Renato. A polissemia das palavras. In: _____. Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015.

- RIBEIRO, Gustavo Lins. Diversidade cultural como discurso global. In: _____. Outras globalizações: cosmopolíticas pós-imperialistas. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2014.

THIAGO SAVEDA

CAPÍTULO II

AUTOACEITAÇÃO

COMO ME DESCOBRI E ME ACEITEI

Parece que foi ontem, mas já faz 23 anos que eu entendi que gostava de mulheres. Eu estava na sexta série do colégio e fui ao cinema com uma amiga assistir ao filme "Segundas Intenções" onde a atriz Sarah Michelle Gellar, em seu personagem, dava um beijo em Selma Blair.

Aquele beijo ficou ecoando na minha cabeça e cada vez que eu lembrava dele, minha barriga gelava.

Então um dia eu estava mudando de canal na TV e estava passando "Buffy, a caça vampiros", também com a atriz Sarah Michelle Gellar. E pronto. Eu me vi completamente apaixonada pela Buffy. Eu sonhava com ela, meu quarto se transformou em paredes com fotos dela, eu imaginava nós duas lutando contra os demônios que vinham assombrar a Terra.

Eu lembro que não fiquei apavorada com isso. Pelo contrário. Tudo fez sentido pra mim. Beijar meninos não chegava aos pés do que eu sentia pela Buffy.

Mas não era tão simples. Minhas amigas do colégio, com 12 anos apenas, faziam comentários homofóbicos, bem como minha mãe, e eu entendi que não podia contar pra ninguém sobre aquilo.

Passei então meus dias buscando nas revistas, filmes e internet, tudo que podia encontrar sobre "ser lésbica". E o que encontrei não foi muito animador. Eram filmes em que a lésbica morria no final ou era abandonada. Mais um motivo pra eu guardar esse segredo, afinal, lésbicas não tinham finais felizes.

Os anos foram se passando, eu continuei beijando meninos para poder me enquadrar entre meus amigos e foi quando eu fiz 18 anos que senti que não podia mais guardar aquele sentimento para mim. Contei para minhas amigas - que não tinham mais pensamentos homofóbicos - e elas foram maravilhosas comigo! Inclusive se oferecendo para irem comigo a baladas LGBTs conhecer garotas.

E foi então que eu dei meu primeiro beijo lésbico e finalmente tudo se encaixou. Foi uma mistura de sentimentos e emoções indescritíveis. Minha barriga fazia movimentos, meu coração estava acelerado, minha respiração ofegante, e minha boca molhada pela boca dela.

Mas minha história ainda não tinha um final feliz. Minha família não podia saber - eu achava que nunca poderiam saber. Eles não entenderiam. Eles não aceitariam. Eu fui criada para suprir as necessidades dos meus pais - ou pelo menos acreditava nisso.

Um determinado dia, quando eu já tinha lá meus 22 anos, minha mãe saiu para votar e eu estava com uma menina em casa. Eu achei que dava tempo, não deu. Quando minha mãe voltou viu nós duas juntas e isso foi muito traumático para ela. Gritou "por que Deus está fazendo isso comigo?" E eu pensava: não era Deus, eu estou fazendo isso com ela.

Resolvemos que não falaríamos sobre esse assunto. E assim se passou oito anos. Oito anos vivendo amores escondidos, sofrendo por pés na bunda sozinha, desilusões, relacionamentos conturbados, tudo só.

Fui viajar com meu pai e minha madrasta e um dia, bêbados, eis que meu pai vira e fala "essa menina na tela de fundo do seu celular é sua namorada?" - sim, eu tinha a foto da minha ex-namorada na tela de fundo do meu celular, estava querendo enganar quem? Ou era um pedido desesperado por ser "descoberta"?

Eu respondi que sim, sem pestanejar. E ele me disse que me amava independente disso, que não sentia nenhum tipo de sensação negativa, que queria conhecê-la, que estaria sempre ao meu lado. Desatei a chorar e contei que minha relação com minha mãe não estava muito boa por conta disso. Ele então pediu empatia por ela, afinal, a maneira como ela ficou sabendo havia sido bastante traumática e que tudo ficaria bem.

E ficou. Meu pai ligou para minha mãe e disse que eu sofria muito preconceito na rua, pois então que em casa eu não sofresse. E isso mexeu muito com minha mãe.

Ela veio conversar comigo e eu respondi que ela não sabia quando eu dei o primeiro beijo, quando tive meu primeiro amor, quando transei pela primeira vez, que ela havia perdido grande parte da minha vida e que agora era daqui para frente. (Fui um pouco rígida demais, hoje em dia ela sabe de tudo, mas na hora foi o que senti que deveria dizer).

O fim dessa história é lindo. Hoje, minha mãe é militante de Facebook. Posta tudo que é foto de arco-íris, acompanha tudo que faço, conhece todas minhas namoradas, me dá conselhos amorosos, minha maior companheira e meu maior orgulho.

Orgulho porque ela teve que enfrentar muitos demônios e ensinamentos enraizados por amor a mim. Não foi fácil para ela, nem para mim. Demorou o tempo que ela precisou. E agora, somos melhores amigas.

Eu espero que com esse texto muitos de vocês se sintam acolhidos, como eu consegui ser. Acreditem que é possível ser feliz sendo exatamente quem você é. Pois eu sou muito. E se amem independente de qualquer coisa, como eu me amei.

Somos uma linda comunidade e você não está sozinho. Meu inbox está aberto para cada um de vocês que precise de uma palavra amiga e reconfortante. Eu amo vocês. Do jeito que são.

TATI FERNANDES

TRAJETÓRIA - DAS CINZAS ÀS UNICÓRNIAS

O início.

O recebimento de um convite para escrever em uma revista de LGBTQIA+ para LGBTQIA+ é uma honra. A proposta deste texto inicialmente era sobre traçar a minha trajetória a respeito do descobrimento sexual e gênero – sim, exatamente nessa ordem – e além de contar sobre mim, queria que este texto fosse leve e descontraído.

O desenvolvimento.

Estou novamente utilizando a palavra "trajetória" - batidíssimo - que se refere a caminho, sequência de fatos como capítulos de um livro que se inicia, tem meio e fim. A nossa vida é uma grande trajetória, somos seres construídos pelo meio, moldados como vasos e preenchidos de conteúdos ao longo da vida. Somos idealizados dessa maneira pela sociedade e nossos pais, desde o primeiro lampejo de vida como: sim ou não, doce ou salgado e por quaisquer outros exemplos dicotômicos polarizados - assim como Homem e Mulher. Num primeiro momento, aceitamos e vivemos dentro do manual do usuário de Como ser Homem ou Como ser Mulher, por sua vez, ecoando os comportamentos sociais vigentes.

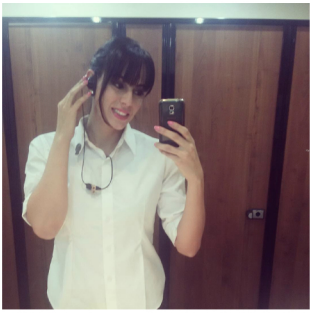
Vida que segue e baile que anda. Crescemos e agora mais velhos, tropeçamos nas primeiras paixonites e que também são os mais efêmeros, de repente a gente se pergunta sobre nossos desejos, a não estarmos mais alinhados com os ensinamentos dos manuais – daí começam os dilemas – porque não imaginávamos divergir das "normas", começamos a duvidar de nós, de estar habitando um lugar que sempre foi dito ser errado... Como é um período desagradável esse de autoacei tação dessa nova sexualidade.

A Glória.

Após todos os desprazeres da insegurança, dúvida e medo, o Sair do armário se torna um grande abraço. Fazendo menção a Pray Tell (Pose, primeira temporada) o pertencer a uma comunidade abre um espaço extra no nosso coração em poder ter uma família sem vínculo sanguíneo, ser acolhido pela comunidade e poder habitar sem medo alguns espaços e conquistar o ser/estar colorido. Vivenciando este espaço, descobrir que os manuais estavam errados e se descobrir em novas letras, descobrir que gênero não é uma escultura de carrara, assim como a sexualidade. Existir em nuances que até então eram muito delineadas e repentinamente descobrir que entre o azul e o rosa existem outras cores, descobrir novas possibilidades de como existir e resistir.

Gostaria de agradecer a indicação do Hebert e também ao Aganetti por ter aceitado a indicação com toda a paciência para uma sagitariana com ascendente em peixes vestindo os rótulos de pessoa trans, não binária, gênero fluida e amarela dividindo um pouco da vivência de vários e de si neste texto, espero que tenham se divertido ao longo dessa trajetória de letrinhas recheadas de vivências e especialmente a minha <3

JAN KUMAGAI



NO CAMINHO DA MINHA FELICIDADE

Desde pequena me sentia diferente, sentia que estava num corpo errado e não conseguia me enturmar com nenhuma criança. Já foram muitos anos para chegar aonde estou.

Quando criança não entendia o porque não podia usar roupas femininas e brincar de bonecas, nessa época, não existia tantas informações como hoje tem, hoje é fácil: é só procurar no YouTube que você logo encontra de tudo sobre meninas trans, inclusive hoje em dia sigo alguns canais sobre trans como **Mandy Candy** e **O estranho mundo de Jessy**.

Foi na minha infância que acabei sendo expulsa de 2 escolas por usar banheiro feminino.

Fui crescendo e descobrindo sobre hormônios femininos, que inclusive, nessa época, fiz tudo sem acompanhamento médico. Hoje em dia sei que não vale a pena arriscar a fazer tudo sozinha.

Meu segundo passo, foi trocar meu nome e mudar meus documentos. Com meu nome trocado, consegui entrar em grandes empresas e isso já mudou muito minha vida e também a forma de conseguir um emprego. Trabalhei na Chilli Beans e no Outback Stearkhouse.

Ter o nome trocado me fez ganhar mais confiança e não ter medo de enfrentar a vida, mas, ainda em busca do meu autoconhecimento, entrei num curso de modelo e manequim e consegui entrar numa das melhores agências de modelo do Brasil: a 40 Graus Models, do Sergio Mattos. Foi incrível a experiência de estar num casting de mulheres e sempre tive inspirações como Léa T e Isis King; modelos trans que já estavam no mercado de trabalho.

Ainda queria alguma coisa que me fizesse feliz e sempre fui apaixonada pela música eletrônica, então porque não arriscar também?! Procurei uma escola de DJs e hoje faço curso de produção de música, sinto-me feliz e realizada.

Foi uma longa jornada até aqui e ainda sinto que estou pela metade do meu caminho.

FE TAVARES

CARTA À MENINA QUE REINAVA EM MIM

Ei mocinha...

Sei que você está aqui dentro, num cantinho, tentando entender onde errou. Você não errou, mas seu lugar não era aqui no mundo real.
A sociedade te jogou no mundo porque entendeu, pelos códigos dela, que você existia e que teria um nome feminino. Vestiria rosa e um dia encontraria um príncipe encantado que te daria uma família, filhos e todas essas bobagens que ela mesma, a sociedade, de forma errada insiste em determinar. Mas vamos falar a verdade, só aqui entre nós: a gente sempre soube que você não era real, né?

A gente sempre soube que aquela incompletude e dor não eram o que uma mulher deveria sentir. A gente já sabia que não deveria ser ruim se olhar no espelho. Que não nos cabia sentir pertencentes àquele papel que a sociedade determina para nós, mas era tanta gente, tantos lugares reafirmando e reforçando esse conjunto de expectativas, que eu fiquei esse tempo todo quietinho e deixei você brilhar aqui fora.

Mas sabe... Não adiantava a gente continuar se enganando, porque mesmo que todo mundo enxergasse apenas você, o reinado já era meu. E foi difícil, depois de 42 anos, finalmente entender que o centro do palco que chamamos de vida nunca deveria ter sido seu.

> **“Eles acham que eu tenho o corpo errado, mas não tenho. Meu corpo é o de um Homem Trans e não há nada de errado nele.”**
>
> Ravi Silveira.

Ficamos os dois com medo do que a sociedade iria dizer, se ela nos aceitaria. Aqui fora ela nos entende como Trangêneros, que é um nome complexo pra essa nossa relação, minha e sua, porque dizem que como você nasceu nesse corpo, só você mora aqui.

Eles acham que eu tenho o corpo errado, mas não tenho. Meu corpo é o de um Homem Trans e não há nada de errado nele. Só agora eles estão entendendo que nossos corpos e nossas identidades de gênero não são o 1+ 1 = 2 que a matemática propõe.

Sabe mocinha... A minha sorte pra enfrentar tudo aqui fora é que você veio primeiro e preparou o terreno, quando era vista como mulher e negra. Era difícil, né? Mas olha, ser um homem negro e trans também é muito difícil. Porque agora eu tenho contato também com a agressividade e o que chamam de "virilidade" do universo masculino. Aliás, esse universo em particular não tem a menor ideia de como lidar com a nossa genitália ligada a esse cara bonito, barbudo e sorridente, que não tem a mínima vontade de provar que é tão homem quanto eles. A gente sabe que temos a vantagem de estarmos juntos e que foram as suas experiências que me tornaram o cara bacana que sou hoje.

A nossa troca de reinado, que aqui fora é chamada de "processo de transição", foi dolorosa justamente por isso. Tínhamos medo do mergulho que estávamos dando, você e eu não sabíamos ainda que não era um mergulho: era um voo.
E que voo doido, né? Hormônios, uma cirurgia e os olhos tortos de quem não entendia a simplicidade do nosso sonho: sentir o vento no peito e a sensação de liberdade que nasce da unidade entre corpo e alma. Era só isso, tudo o que sonhamos.

Então te trago notícias daqui: pode descansar tranquila, porque você é sempre lembrada carinhosamente por mim. As pessoas não nos confundem mais achando que eu sou você, não me chamam mais de "senhora". Eu não escondo quem sou e pouco a pouco as pessoas estão compreendendo que a sua trajetória e a nossa convivência fizeram com que eu fosse ainda mais completo no exercício da empatia, e é isso que me torna tão humano quanto eles. Alguns ainda tentam nos desumanizar... Nos matar... Nos calar... Mas somos fortes e resistiremos sempre, para continuarmos sendo quem somos, da forma que somos e com o respeito que merecemos.

Te amo, mocinha e obrigado por tudo.

PS: lembra daquela chata: a "sociedade"?
Então... a "sociedade" também somos nós e aqui a gente segue fazendo a nossa parte para que ela seja menos cruel e cheia de regrinhas ultrapassadas e cada vez mais gentil com todos que divergem das normas que ela inventou.

RAVI SILVEIRA

COMO É SER KUKUA DADA?

Toda dissidência, seja pelo gênero ou orientação sexual tem problemas sociais diversos em praticamente todas as épocas da vida nessa parte ocidente que chamamos de América.

Os motivos desses problemas, hoje, não vêm ao caso, mas, sim, como foi esse caminhar do ponto em que eu não era Kukua até o ponto em que cheguei e construí uma pequena base numa cidade onde não tenho nenhum parente ou tinha conhecidos antes de chegar.

Eu cresci na capital do Rio de Janeiro, sou karioka (kari significa homem branco e oka significa casa em tupi). Cresci num meio branco e fui adotada por um casal de idosos brancos. Recebi muito amor vindo deles e de minha mãe consanguínea também, enquanto eles estavam vivos. Não sei se é pela criação sem ensinamentos ancestrais afrikanos, mas não dei o valor que eles mereciam quando estavam em vida e portanto sofri mais ainda com a perda deles.

Mesmo que crescer em apartamento com piscina, portaria, sauna, quadra fosse algo chique e objetivo de muitos foi, na verdade, meu afastamento desse lugar de "conforto" almejado que me fez crescer como ser humano. A verdade é que fiquei tão confortável existindo que nunca me duvidei, nunca me questionei sobre quem eu realmente era ou quem eu ansiava ser. Uma coisa eu tinha certeza: eu queria receber a valoração que eu não dei a meus pais adotivos e à minha progenitora.

Valoração não consegui por bastante tempo, consegui chamar atenção e estar na boca de povos distintos, até das existências semelhantes a minha quando o assunto é gêner

Eu diferi de muitas como eu: eu demorei mais de duas décadas para deixar de me "passar" e me catar: "Hey, eu sou Kukua, não sou essa pessoa que me designaram e me trataram por anos. Não sou um homem porque me apontaram como tal, porque tenho uma genitália parecida com a de um."

E essa autodescoberta consegui fazer e estabelecer em Salvador, Bahia. É algo que me impressiona até hoje porque não tem a ver com uma possível "repressão" que sofri de pessoas ou da própria cidade Rio de Janeiro, teve a ver com meu interesse em cuidar de minha própria espiritualidade.

E eu senti desde Porto Seguro, primeira cidade baiana que visitei até onde moro faz dois anos. Eu precisava mergulhar em mim de uma forma que eu nunca tinha feito. De uma forma que eu evitava quando no Rio de Janeiro.

Eu precisava ser forte no Rio. Andar de cabeça erguida, com olhar sanguinário, uma postura brava para poder sobreviver. Algo que ainda mantenho um pouco até hoje por ter assimilado esse medo à minha posição sociopolítica devido a minha interseccionalidade: travesty e preta.

Comecei a conhecer o Kandomblé (algo que ansiava), mas na verdade ainda acho que não sei realmente nada, sabe? E fico receosa porque assim como em religiões cristãs, existem muitas pessoas interesseiras nas culturas afro brasileiras também e eu sempre fui de confiar de cabeça e me decepcionar. Acho que nisso ainda não mudei pelo visto, rs.

Bom, a Kukua de hoje tem apoio pelo Brasil, me tornei mãe de quatro travestys lindas, as quais acolhi e acolho porque era o que eu gostaria que tivessem feito comigo no início de minha transição: Tisha, Melinda, Niagara e Eva. Potentíssimas e normalmente brinco: "minhas filhas de útero" de tanto carinho e amor que sinto mesmo eu nunca tendo visto a maioria delas pessoalmente (com exceção de Eva).

O ser mãe me ajudou a me olhar e me ver como alguém que pode orientar e no meio desse caminho me apontaram que minha escrita é bela e potente, algo que antes eu não acreditava. Quando botei fé nesse apontamento, foi o ponto onde comecei a crescer como pessoa.

Ainda erro porque realmente, Sistema Patriarcalista Colonialista, eu sou uma ser humana, viu? A vantagem é que sempre tento aprender em meu erro, para que eu não me taxe de burra conforme envelheço, rs.

Bom essa sou eu,

Enkantada,

KUKUA DADA

DUAS DESCOBERTAS: NÃO-BINARIEDADE & AUTISMO

Meu nome é Oliver Jules Decet, eu tenho 18 anos, sou autista, pan e trans não-binário. Eu me descobri pan em 2018 e NB em 2020, no início da pandemia.

Desde criança eu seguia estereótipos diferentes ao que se esperava de uma menina, mas eu não ligava muito para o que a sociedade delimita. Sabe, eu tinha hiperfoco em coisas consideradas masculinas, jogos, futebol, skate etc.

Então desde pequeno minha família tinha medo, ou suspeitava que eu fosse LGBT. Eu nem parava pra pensar nessas coisas, eu lembro do meu pai implicar muito comigo pelas roupas que eu usava ou os meus cortes de cabelo, e também as pessoas da cidade diziam que eu era lesbica antes mesmo de eu descobrir que tinha interesse em meninas também.

Eu sou do interior do Rio Grande do Sul, então aqui é meio complicado ser LGBT mesmo. Eu me descobri pan mais ou menos quando eu tinha uns 13 anos, e não queria me aceitar muito porque eu queria provar pras pessoas que eu podia ser diferente e mesmo assim ser hétero, sabe? Tipo quebrar estereótipos, aí eu fiquei confuso de me aceitar no início, também porque minha família vivia me perguntando se eu era LGBT e eu dizia que não, só que agora eu era e tinha que contar a verdade.

Passei a não ligar tanto pra isso, até porque eu não me relacionava com ninguém, meu grupo de amigos sempre foi bem aberto pra essas coisas e a gente tava se descobrindo todo mundo junto, então eu não me preocupava muito. Também acho que ser autista faz eu estar acostumado com reprovação das pessoas ou que me tratam diferente, que eu nem me importaria tanto se me assumisse.

Em 2018 então comecei ficar com uma pessoa e falei pra minha mãe, nisso ela não aceitou muito e me fez ficar uns meses sem sair de casa, aí teve minha festa de 15 que estava tristíssima porque estava numa brecha entre ficar e sair do armário. Depois de uns meses, comecei namorar com um homem trans (na época ele ainda se via como cis) e aí minha mãe aceitou, mas tive que contar pro meu pai e foi toda a mesma história, mas ele não mora comigo, então minha mãe me apoiou nessa situação. Aí meu ex começou a se descobrir trans, primeiro se via como gênero fluido (aí eu fui entendendo um pouco de vivências não-binárias), e depois se descobriu como homem trans. Nisso eu comecei pesquisar muito sobre esses assuntos pra tentar ajudar ele e lutar contra transfobia e aí eu fui seguindo pessoas trans no twitter e me cerquei numa bolha que tinha muitas pessoas trans e neuro divergentes.

Bem, aí temos um fato crucial para minha descoberta autista e não-binaria porque eu seguia muitos neuro divergentes e muitas pessoas trans e eu via que eu me identificava com elas. Sobre autismo, consegui bastante ajuda da minha mãe, então conseguimos diagnóstico e laudo em 2020. Também em 2020, me descobri não-binário. Eu me assumi pra minha mãe em novembro do mesmo ano, mas aí eu sofri duas coisas: transfobia e capacitismo.

Ela começou me dizer que autistas são confusos e não sabem o que são, então que eu não tinha que ter certeza de nada e que não era pra eu sair falando que meu nome é Jules, um dia ela descobriu que meu nome tava como Jules no instagram e brigou muito comigo, fiquei magoado mas essas coisas não fazem eu conseguir mentir pros outros quem eu sou, sabe?

A única parte que eu faço cis-passing é mais pra conseguir emprego e essas coisas que já são difíceis em cidades maiores e ainda mais complicado aqui no interior.

Também já vieram muitas pessoas dizendo que eu não sou autista de verdade ou duvidando que eu seja, e outras que começam me atacar por ser não-binário e aí descobrem que sou autista e me enchem de xingamentos.

Já falei sobre hiperfoco, eu já tive muitos, e muitos deles são de meios artísticos e que eu tenho que me expressar. Eu comecei a reparar que eu me tratava muito no masculino em músicas que escrevia, textos, desenhos, em diários. Isso desde os 8 anos de idade, e comecei parar pra pensar se eu não seria não-binário esse tempo todo. Os hiperfocos acabaram me ajudando muito, e também no processo de ter que lidar comigo mesmo, porque eu desabafo fazendo músicas e desenhos, tenho músicas que fiz quando meu pai brigava comigo, quando eu começava gostar de alguém, quando eu começava me descobrir ou ver que tinha alguma coisa diferente acontecendo.

Eu acredito que se você é LGBT é super importante ter apoio, mesmo que minha família não me aceite muito eu tive amigos importantíssimos nessa trajetória de me descobrir, de me aceitar e de me assumir. São três passos muito difíceis pra quem passa por isso como eu, então acredito que criar redes de apoio é muito importante para que nós possamos construir um mundo em que todo mundo é aceito.

JULES

NÃO ESCOLHI, TIVE SORTE

É inacreditável ainda ouvirmos pessoas dizerem que respeitam nossa escolha, não?
Eu fico me perguntando: quem escolheria sofrer preconceito por ser quem é, não poder andar abraçado com seu amor em vias públicas por ter o mesmo sexo, ouvir piadinhas todas as vezes que você manisfesta sua orientação? Quem?
Ok, eu! hehehe Se realmente fosse escolha, eu a faria, mas não é.
Apesar disso tudo, tenho muito ORGULHO da minha orientação sexual e do homem que me tornei por ter que lidar com todas essas questões diariamente.
Por ser um pouco másculo, ouço sempre dizerem que eu não pareço gay e talvez não entendam que não estão me elogiando.
O fato de eu não estar inserido no estereótipo criado para tanto não me parece ser motivo para eu me sentir feliz, ou deveria? De fato, em alguns aspectos, eu não correspondo às expectativas dessas pessoas, mas exclusivamente porque eu sou assim, não por tentar me esconder; aliás, qualquer pessoa que converse comigo por mais de 2 minutos saberá que sou gay e também o quanto me orgulho disso.
Um amigo uma vez me disse que eu deveria ter respeito diante de uma sociedade heterossexual (em sua maioria) e eu nunca consegui esquecer o tamanho deste absurdo. Até então, eu não tinha total consciência de quanta coisa ainda precisava mudar neste mundo e de que eu precisava descruzar os braços. No fundo ele me fez um bem.
Hoje sou muito mais ativo nessas questões, entendo muito mais profundamente alguns aspectos e consigo ajudar quem realmente quer sair dessa ignorância.
Eu também fazia meus julgamentos e falava abobrinha, mas felizmente me tornei uma pessoa melhor, alguém realmente que pode ser motivo de orgulho para os meus.
Então, meu amigo, não importa o quão efeminado o outro possa ser, os trajes que o outro resolveu usar (se a outra se veste com roupas masculinas ou o outro com trajes femininos), o quão grossa é a voz do outro, ou o contrário, com quem o outro dorme.
O outro é só o outro!
E que logo ele possa ser quem ele quiser ser, da forma que quiser viver.

Vivemos numa sociedade doente mentalmente e com tanta coisa importante para resolver, que parar para criticar quem você nem conhece me parece, no mínimo, leviano.

Seja você e orgulhe-se disso!

CADU BONDEZAN

DA BICHINHA INTIMIDADA À BICHA EM EMPODERAMENTO

Hebert nasceu em 1979 na cidade de Osasco – SP, filho de dois jovens bancários, ambos de 20 anos de idade, que se casaram porque engravidaram de mim. Pois é, naquela época uma gravidez inesperada interrompia carreiras, estudos, sonhos e não foi diferente com meus pais, que tiveram que interromper seus estudos, e trabalhar muito para me criar. No entanto, como ocorre com grande parcela da população brasileira e talvez do mundo, o pai deixou a mãe com o filho porque havia formado uma outra família. Nisso eu estava com 2 anos de idade, então não me recordo desse momento. Então, nosso apoio foi o melhor e o mais incondicional que poderíamos ter, a casa de meus avós maternos. Sem o apoio financeiro, emotivo, moral do meu pai, minha mãe sem muita qualificação, teve que trabalhar muito para ajudar com minha criação e as despesas da casa. Enquanto minha avó materna, que todos os netos chamavam de Dinha, foi em grande parte responsável pela minha criação.

Nesses momentos fraternos, desenvolvidos com minha avó, que minhas primeiras percepções de vida ainda estão guardadas em minha mente e coração. Sempre houve muito amor, dedicação, proteção, e incentivo para minha instrução escolar, para que eu tivesse um futuro melhor que dos meus antepassados. Essa minha criação me caracterizou como uma criança mimada, e realmente em partes eu era, mas era um mimo dentro das possibilidades financeiras que minha família podia me oferecer, que não eram extravagantes e, algumas vezes, até apertadas.

Para mim, eu era uma criança normal, me dedicava aos estudos, gostava de brincar, principalmente com as meninas, mas não tinha muita abertura para isso, pois, por ser filho único, e por morar em São Paulo, uma cidade que mesmo naquela época era perigosa e violenta, eu era impedido de brincar na rua com as demais crianças.

Mas a sociedade começou a me rotular aos poucos, e minha percepção quanto a isso foi a princípio de estranheza, porque na minha inocência infantil, eu não compreendia porque me chamavam de "bichinha", "mulherzinha", "mariquinha", entre outros termos que utilizavam naquela geração. Trejeitos talvez, interesse por brincadeiras com meninas e seus apetrechos ditos femininos, bonecas, casinhas, pular corda, elástico, escolinha. Ah, eu amava essas brincadeiras. Mas as pessoas diziam que não era para um menino brincar daquela maneira e tentavam me induzir com brincadeiras junto aos meninos, essas ditas masculinas, futebol, pipa, polícia e ladrão, lutinhas. É nesse momento que minhas primeiras frustrações floresceram, onde eu enquanto criança não tinha a possibilidade de desenvolver minha própria personalidade.

Sexualmente falando, na infância não havia aquele desejo sexual como os mais velhos, adolescentes, jovens e adultos, o percebem, entretanto desde muito cedo, eu olhava os meninos e homens com outros olhos, havia admiração, havia uma certa "paixonite" infantil por determinados homens ou meninos (sempre tive atração por homens mais velhos).

Até esse momento, a ausência do meu pai e suas diversas promessas que viria me ver e levar para passear, o que frequentemente não ocorria e a frustração de não poder desenvolver minha infância conforme minha percepção foram grandes fatores para traçarem minhas características que refletem hoje na vida adulta.

E foi na pré-adolescência que passei pelo maior trauma, por volta dos 11 ou 12 anos, minha mãe deveria sentir que havia a falta de uma figura masculina ou paterna em minha vida, e então ela, com sua boa intenção, aproximou um primo dela, que era policial, solteiro, para junto da minha vivência. Enxergo hoje que essa atitude dela foi de querer me ajudar e não a culpo por isso, entretanto, aquele homem se mostrando disponível para essa ajuda, viu em mim um menino intimidado, mimado e sem conhecimentos aprofundados da vida, como um alvo para suas fantasias sexuais. Passei então por momentos de abuso sexual, o que me deixavam ainda mais confuso, pois eu sabia que já tinha uma certa percepção por desejos homoafetivos, mas eu não entendia porque um homem adulto que deveria ser responsável por me dar exemplos, estava fazendo aquilo comigo. Eu não tinha coragem de falar para minha mãe e meus avós por medo de eu ser julgado como culpado, e por um tempo tive que aguentar e guardar essa "monstruosidade" em minha vida.

Paralela a essa situação, minha vivência escolar não foi fácil também, logo muito cedo eu era a "bichinha" da sala de aula ou se não da escola, chegando a sofrer até violências físicas. Tenho recordações de logo nos primeiros anos escolares ser vítima de garotos, e até mesmo de garotas e alguns professores que me rotulavam como a "bichinha", o que andava com meninas, era estudioso, tímido e não tinha força nem voz para enfrentá-los. Os anos 90 não foram fáceis para crianças que sofriam assédios, não havia uma espécie de conscientização, como existe hoje, de enfrentamento ao que hoje chamamos de bullying, naquela época nem se cogitava esse dano social.

Foi assim durante toda vivência escolar e na vizinhança eu também era frequentemente agredido física e verbalmente por eu ser quem eu era. Lembro que a padaria que comprávamos pães ficava na esquina do lado direito de casa, mas para eu chegar até lá, eu tinha que passar na frente da casa de um garoto que sempre estava com seu grupinho e me ameaçavam, com palavras, chutes, murros, entre outras coisas. Então durante um tempo, passei a dar a volta no quarteirão, para evitar passar na frente da casa dele.

Internamente fui assimilando todos esses acontecimentos, passei a entender o que era uma pessoa gay e durante minha adolescência, até início da juventude lutava contra isso, pois eu entendia que ser gay era ter todo o sofrimento o qual eu havia passado e também tinha como exemplos de pessoas externas, o quanto elas eram julgadas. Tinha um vizinho de casa, o Marcelo, era mais velho que eu, muito cedo se entendeu por gay e já na adolescência se encontrou enquanto uma travesti. Passou então a ser chamada de Tamires.

Tamires era de família muito humilde e, apesar de inteligente, pois chegava a dar aulas particulares, ela teve que abandonar a escola devido a pressão discriminatória que sofria, e devido a tudo isso não teve qualificações para conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho. Também, naquela época, quem contrataria uma travesti?

Ela foi então para as ruas, prostituir-se, começou na esquina da nossa rua e lembro que ela passava certa hora da noite em frente de casa toda montada e afrontosa. Infelizmente, Tamires por um tempo se rendeu às drogas, acho que elas diminuíram sua dor e a deixava preparada para enfrentar as noites. Eu não a julgava, mas minha família e o resto do bairro sim. E esse estereótipo de Tamires amedrontava minha família. Creio que eles já tinham uma certa noção sobre minhas tendências não heteronormativas e, por falta de conhecimento, colocavam as pessoas que destoavam dessa heteronormatividade em apenas uma caixinha.

Final da minha adolescência e início da minha juventude passei por muito conflito interno: minha mãe e meus parentes me cobravam uma namorada, eu até então não havia tido uma experiência sexual adequada, exceto por brincadeiras que haviam ocorrido com meninos, que mais tarde vim a descobrir que a maioria dos meninos passam por isso e meus hormônios estavam à flor da pele. Foi então que resolvi com 16 anos sair de casa em São Paulo e vir morar em Maringá, minha desculpa era ter um último ano do ensino médio de qualidade e me preparar para entrar na Universidade Pública de Maringá.

Vim morar no primeiro ano com minha tia (irmã da minha mãe) e minha duas primas, que me acolheram de forma amável e com todo suporte para minha instalação na cidade, mas no fundo, eu via essa mudança como uma libertação para eu resolver os conflitos internos que eu vinha passando. Foi nessa época que eu passei a ter os primeiros contatos realmente sexuais com outros homens. De maneira muito escondida, pois o medo da minha família e da sociedade descobrir era imenso, mas foi um momento de intensa descoberta sexual e de afirmação da minha homossexualidade.

Terminado o ensino médio e conseguido entrar na Universidade a qual eu almejava, tomei uma decisão drástica que magoou muito minha tia e primas, resolvi ir morar "sózinho", ter essa experiência era o que eu queria naquele momento. Através de um colega de sala da Universidade, curso de História, ele me ofereceu uma vaga na "República" a qual ele morava. As repúblicas são moradias estudantis, muito usuais aqui na região de Maringá. E então consegui um quarto e passei a viver naquele apartamento. Foi uma experiência descomunal, pois as descobertas foram constantes em minha vida, entretanto, coincidiu de eu completar 18 anos e no alistamento militar ser recrutado pelo Exército. Servi durante 6 meses e falo que foram os meses mais "héteros" da minha vida, pois o medo de alguém do quartel descobrir algo era grande.

Durante os anos do ensino superior em História, tive algumas experiências homoafetivas bastante intensas, mas mesmo assim tudo muito velado e com medo.

Apesar de na minha adolescência e juventude eu ter vivido a era da contaminação do HIV e desenvolvimento da Aids, eu tive pouca instrução com relação a métodos preventivos. Sabia da existência dessa possibilidade, mas confesso que eram poucas as vezes que usava, mas, acho que a vida foi muito bondosa comigo e colocou em meu caminho parceiros que não estavam contaminados.

Após um contratempo em minha vida, que não acho necessário discorrer aqui, pois alongará ainda mais esse texto, eu abandonei a faculdade de História na UEM e voltei para São Paulo para morar com minha mãe e meus avós e cursei Direito, passando a trabalhar em um renomado Banco.

Só que o Hebert que retornou, foi um outro Hebert, com 20 anos foi quando eu me aceitei de fato como um gay e resolvi que enfrentaria as adversidades que a sociedade poderia me impor. Viveria plenamente minha vida de um homem homossexual. Voltando para São Paulo, comecei a frequentar as casas noturnas, na época chamadas GLS. Uma "Disneylândia Gay" foi apresentada para meus olhos, fiquei deslumbrado, animado por saber quantas outras pessoas como eu existiam e estavam nos mesmos lugares que eu. Foi uma época muito intensa, saia todo final de semana nas diversas possibilidades de casas noturnas que São Paulo oferecia. Conheci muita gente, comecei a aprender sobre a cena gay e como ela funcionava.

Foi nesse momento que minha mãe e posteriormente toda minha família soube sobre minha orientação sexual. Infelizmente, minha mãe descobriu de uma forma um tanto quanto desconfortável, me viu beijando um homem em um carro na "calada da noite" na esquina da rua de casa. Ela guardou isso pra ela até o final do dia e bem a noite veio conversar comigo e dizer o que viu. Então foi a deixa para eu colocar tudo pra fora, fui com os "dois pés na porta desse armário" que tanto me oprimiu por anos. Contei a ela tudo que passei, relatei tudo que descrevi acima e me assumi homossexual. Muito choro, muitas emoções emanaram.

Ela me disse que já desconfiava, mas não queria acreditar e que a única coisa que ela queria e me pediria era para que eu tivesse respeito para com meus avós que já eram idosos, e não contasse principalmente para meu avô. Nessa noite e nesse final de semana não consegui dormir em casa por vergonha, medo, clima e fui dormir na casa de um amigo.

Minha mãe então se encarregou de contar do fato para a família toda, pois é. Foi estranho, mas me ajudou a evitar os embaraços com toda família. E a partir desse momento pensei que eu iria ser acolhido, entendido e que viveríamos uma vida plena. Engano meu. Parte da minha família aceitou a situação, mas não entende e preferem evitar o assunto. Isso me deixou muito magoado, pois eu achava que encontraria apoio neles, ombro para desabafar, conversar para poder dividir, rir ou chorar. Nem tudo são flores.

Aos 22 anos conheci meu primeiro namorado, ele não assumido, de uma família muçulmana super tradicional, que se escondia no armário ferrenhamente. Mas nossa relação durou 8 longos anos, o que me deu um certo conforto, mudaram algumas perspectivas para meu futuro.

Após o falecimento de meus avós, minha mãe resolveu mudar para Maringá e eu vim logo depois para ficar com ela, pois seria minha única família e eu me via como responsável por ela. Eu me instalei aqui, comprando uma casa para vivermos. Vivi um pouco na noite LGBT de Maringá, onde conheci muitas pessoas que permearam minha vida durante esses 11 anos que aqui estou e em 2012 conheci meu futuro, atual marido. Nessa época minha mãe passou a conversar mais abertamente comigo sobre minha orientação sexual, percebi que a relação quanto a isso estava amadurecendo.

Durante nossa relação, em meados de 2018 e 2019 resolvemos oficializar nossa união, de maneira a nos valer do nosso direito de casar oficialmente em cartório e comemorar com uma linda festa de casamento. O ano que antecedeu o casamento foi muito intenso e sonhador, pois cada detalhe era festejado com muita alegria. Mas, 2 meses antes do casamento, minha mãe veio a falecer devido a um AVC. Foi o mundo querendo desmoronar, e eu me vi entre duas situações: viver o luto e viver a alegria de estar prestes a casar.

Um pouco antes do sonho do casamento, esqueci de comentar, eu comecei a apresentar sintomas de ansiedade, depressão e crises de pânico. Realizei tratamentos com profissionais da psicologia, o que me fez entender que eram consequências de fatores que vivenciei e que comentei no início dessa história: pai ausente e indiferente comigo, retaliações enquanto criança como a bichinha, abuso sexual infantil. E até hoje convivo com essas sequelas mentais, a ansiedade exacerbada, a depressão que aparece quando ela bem entende e desmorona tudo e umas crises de pânico. Trato atualmente com Psiquiatra e muita medicação.

A partida da minha mãe permeou meu estado mental como uma grande tristeza durante um tempo, o que fez com que meu relacionamento fosse de uma certa forma afetado e ainda bem que meu marido foi e é compreensivo e aguentou toda essa barra. Hoje, dois anos e meio após a partida dela, o sentimento que fica é a eterna saudade e um "tiquinho" de tristeza.

Um pouco tarde, com meus 39, 40 anos resolvi retomar minha vida acadêmica. Fiz uma especialização em Gestão Pública, para conciliar o conhecimento com o desenvolvimento de minha atual carreira como Servidor Público Municipal e em seguida me senti preparado para tentar um Mestrado, o qual fiz na área das Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Maringá. Não era algo que eu achava que conseguiria, entrei sem muitas pretensões, mas um "bichinho" da vida acadêmica e junto com isso uma vontade adormecida de militar despontou com uma potência imensa em minha vida.

Vivencio atualmente a realização desse anseio que eu nutria a muito tempo de lutar pelos direitos dos oprimidos, e em específico da população LGBTI+. Passei a ingressar um "movimento social", a Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero da OAB Maringá, a qual me encontrei enquanto militante, operador do direito, pesquisador de gestão pública, Estado, participação social. E é nessa esfera que se encontra, aquela que foi a "bichinha" intimidada, hoje é uma "Bicha" em empoderamento, e digo que toda a minha vivência, experiência, ferramentas acadêmicas, me auferiram esse status. Hoje posso dizer que tenho voz para defender meus direitos, e voz para defender os direitos daqueles que necessitam.

Essa é minha luta!

HEBERT VILLELA

HOJE EU SOU GAY, MAS EU NÃO NASCI GAY

Hoje eu sou gay, mas eu não nasci gay. Eu nasci uma criança e fui criança por alguns anos, até mais ou menos os meus 9 anos. Confuso? Talvez. Deixa complicar um pouco mais. Depois deste período da minha vida, chegou o momento em que eu não podia escolher não ser gay, eu não queria ser gay, eu nem sabia o que era isso, mas fui me tornando uma criança-adolescente gay. Sabe como? As pessoas da minha família, amigos e amigas da rua, colegas de escola diziam coisas sobre mim que eu não entendia direito o que significava, no entanto, eu achava que se elas diziam é porque eu era, afinal, eu não tinha repertório de vida suficiente para compreender o que estava acontecendo comigo e com as outras pessoas que conviviam comigo.

Eu era uma criança passando para a adolescência e não tinha a menor ideia do que isso significava, então, eu comecei a escrever textos poéticos, reflexões sobre a vida, principalmente, a minha, quando eu tinha mais ou menos 10 anos. Eu percebi que escrever em um papel em branco me ajudava a dar sentido a minha vida, além de suportar minhas dores, angústias, compartilhar minhas alegrias e buscar compreender quem eu era.

Eu não tinha repertório algum para entender aquelas inúmeras transformações em mim e nos outros. Minha família era simples, não tinha muita instrução, além de não ser educada para dialogar sobre algumas mudanças que ocorrem naturalmente em nossas vidas, principalmente, àquelas relacionadas à sexualidade.

Eu via meu irmão, quase 3 anos mais velho, falar para minha mãe sobre as mudanças no corpo dele, sobre as relações dele com as meninas e percebia como isso agradava ela e os outros. Ele estava se tornando um homem igual aos outros homens e isso era comemorado com muita satisfação pela minha família toda, mas dentro de mim existia uma ideia diferente de ser homem. Eu ouvia de pessoas da minha família que eu era esquisito. Ouvia na rua e na escola que eu era bichinha, viadinho. Meus apelidos eram Ney Matogrosso (hoje acho isso uma grande honra), Bruna Lombardi, Carolina Ferraz (risos).

Nessas circunstâncias de início de adolescência, eu não tinha alguém para me orientar, dar suporte ou esclarecer minhas questões sobre as mudanças que aconteciam tanto dentro de mim como fora, ou seja, na minha subjetividade e no meu corpo, logo, minha identidade passou a ser o problema central das minhas indagações existenciais. Eu percebia que eles queriam que eu fosse algo, todo mundo me cobrava ser alguma coisa que eu não sabia o que era, mas que eu sabia que eu não queria ser aquilo. Parecia que familiares, vizinhos/as, amigos/as, professores/as e outros/as queriam que eu buscasse uma certa completude. Uma completude que parecia natural. Por causa disso, eu me sentia constantemente incompleto. Me ficava implícito que existia uma ordem a seguir que tinha como resultado um eu completo, feliz, amado, certo, saudável, aceito.

Eu vivia com inúmeras questões na cabeça. Não consegui desvendar muitas delas neste período da minha vida. Não existe uma sequência de ordem nestas indagações, porém vou colocá-las em categorias e dar uma sequência para elas para ficar mais fácil de entender o que quero dizer.

No que diz respeito à fé/religião, minha formação era cristão-católica, pois minha família materna era tipicamente desta religião. Eu me envolvi profundamente com a Igreja Católica e a Renovação Carismática dos 13 aos 19 mais ou menos. Como um bom menino que eu tinha que ser, eu deveria acreditar em Deus e seguir uma doutrina que me salvaria do pecado e da morte eterna. No caso do cristianismo, Deus é uma figura masculina. Eu tinha muito medo dessa figura, porque ela é apresentada de um modo bastante tirânico. Eu me sentia bastante subjugado. Afinal, ele é a origem de toda criação do universo na fé confessa. Além disso, todo pecado praticamente levava ao sofrimento eterno no inferno. Então, eu tinha muito medo de morrer. Sua palavra era uma ordem incontestável.

Por causa da minha condição diferente dos outros garotos (digo desta forma, porque neste momento da minha vida, eu não sabia direito o que era ser gay), eu carregava comigo uma culpa imensa, me sentia um grande pecador, destinado ao inferno. Além de ter plena certeza que jamais seria feliz, caso não vivesse conforme os preceitos estabelecidos dentro da religião. Qualquer e todo vazio que eu sentia só seria preenchido por meio da aceitação do amor desta figura divina, que no caso é um amor imaginado, tendo como referência as instruções da igreja e da bíblia.

Eu me lembro as inúmeras vezes que eu escutei padres católicos, pregadores e pregadoras da Renovação Carismática em seus discursos dizerem com toda certeza do mundo que o "homossexualismo" era uma doença que tinha que ser curada, que era um mal horrível, um pecado absurdo.

Eu me sentia uma aberração, sentia que carregava o pior pecado de todos os tempos, eu não conseguia me amar como pessoa. Eu só conseguia pedir a deus que me perdoasse, que me limpasse, que me curasse deste "mal".

Eu passei anos da minha vida me odiando graças ao discurso destes pregadores, pregadoras, padres, cristãos. Eu quis morrer muitas e muitas vezes.

Lembro dos episódios que fiquei madrugada ajoelhado pedindo a cura, perdão por ser quem eu era.

No que diz respeito à sexualidade, eu percebia que algumas coisas mudavam no meu corpo. Eu percebi que passei a desejar outros corpos e colocar energia afetiva sobre outros garotos. Não era muito claro para mim, no entanto, sabia que meu jeito de desejar não era bem aceito por minha família e pela sociedade. Esta proibição era muito evidente para mim. Por causa disso, eu tinha desejo, todavia, não podia concretizar a realização dele.

Minha compreensão de relacionamento afetivo com o outro era de completude. Eu só seria completo com o outro, no entanto, eu estava proibido de ter o outro que eu desejava, só me era permitido ter o outro convencionado socialmente. Mantive por muito tempo o sentimento de amor ausente. Eu já intuía que teria que sair da minha cidade natal – Marialva – para ser livre na exploração da minha sexualidade e assim aconteceu. Primeiro, migrei para Maringá, cidade vizinha e maior, depois, São Paulo, capital.

No que diz respeito ao gênero, eu gostava muito de brincar, conversar, me relacionar com meninos e meninas. Eu não enxergava problemas em jogar futebol com os meninos e brincar de bonecas com as meninas, inclusive adorava as duas atividades. Eu me sentia bem em atividades com as garotas e com os garotos, no entanto, para os outros eu não podia estar nestes dois lugares, eu deveria estar com os meninos fazendo coisas de meninos. Fui estigmatizado por não me enquadrar na conveniência social, sofri assédio moral e agressão física por parte de familiares, amigos/as, colegas de escola, vizinhos/as entre outros/as.

Tem um episódio que aconteceu na escola que me marcou muito. Eu me lembro que uma vez eu fui para a escola com um tênis que tinha um detalhe de estilo na cor rosa. Um dos meus colegas de turma da 4ª série olhou para o meu tênis, quando estávamos no pátio e, imediatamente, sem sombras de dúvidas, começou a tirar sarro de mim, dizendo que eu estava com um tênis de mulher. E de fato aquele calçado, que era de segunda mão, tinha sido antes de uma mulher – uma das filhas da patroa da minha mãe na época.

Foi um momento humilhante, fiquei muito constrangido. Fiquei duplamente envergonhado: primeiro, porque ele estava achando que eu era menina e, segundo, porque na minha cabeça ele devia ter percebido que o tênis era de segunda mão. Desejei não mais aparecer na escola.

Sendo bem didático, esta situação me impactou na reflexão sobre a ideia do meu gênero: "sou menino ou menina?" e atrelado a isso, fui tratado como um desvio do padrão que era tido como o natural, então, eu só podia me enxergar como uma aberração, esquisito, patológico.

Essa situação desestruturou meus vínculos com o grupo de meninos e de meninas, prejudicando minhas relações afetivas no coletivo e também perturbando minha autoestima.

Passei a me isolar, a ter medo de estar exposto. Passei a me refugiar frequentemente na biblioteca da escola nos horários de entrada e intervalo. Fui acometido por um desgosto pela cor rosa. Dentre outras várias vezes que fui agredido moral e fisicamente.

No que diz respeito à minha orientação profissional, desde quando eu me entendo como pessoa, sempre desejei ser artista em uma cidade grande como São Paulo ou Rio de Janeiro. Queria escrever livros e me apresentar no teatro como ator, dançarino, cantor. Esta fase se deu durante o ensino fundamental, foi a partir dos meus 10 anos de idade. Na escola eu participava de tudo que estava relacionado à arte: danças da festa junina e gincanas, teatro das aulas de língua portuguesa, apresentações no Dia do Folclore e por aí vai.

Durante o ensino médio, surgiu a oportunidade de fazer um curso de teatro para atores amadores, me dediquei muito a este curso e o concluí. Depois fiz um curso de modelo e manequim. Dessa forma, fui me envolvendo com a área artística.

Carreguei essa vontade por todo o ensino médio. Quando saí do ensino médio, achei que talvez quisesse ser padre, então, fui parar no seminário por um ano, porém, percebi que minha paixão mesmo era a arte. Não continuei no seminário. Depois disso, resolvi prestar vestibular para algum curso que se aproximasse daquilo que eu sonhava em fazer: artes cênicas. Na universidade na minha região não tinha este curso, mas encontrei no curso de letras um meio alternativo para pôr minha carreira em prática. Acabei me apaixonando pela área e fui trabalhar na educação. Para compreender melhor o universo da educação, fiz pós-graduação em gestão educacional, logo após, psicopedagogia, descansei um ano, depois fiz outra pós-graduação em arte e educação. Sempre tentando atrelar minha vontade de ser artista com minha carreira de docente. Atuava como professor de língua portuguesa e literatura, além de também atuar como professor de teatro.

Tentei fazer mestrado em linguística, no entanto, não me senti desafiado. Tentei fazer mestrado em literatura, da mesma forma, não me atraiu.

Fiquei dos meus 22 anos aos 29 trabalhando na educação básica na cidade de Maringá e região. Quando percebi que eu já não estava mais me sentindo realizado nesta cidade, então, resolvi enfrentar uma mudança bastante importante para mim, resolvi me mudar para a cidade de São Paulo.

Chegando aqui, continuei trabalhando como professor de língua portuguesa e literatura na educação básica, depois de 5 anos, resolvi mudar minha vida, porque queria fazer minha carreira de artista acontecer. Dessa maneira, escrevi um livro e o publiquei com muito sufoco.

Eu me tornei professor universitário. Comecei a fazer teatro amador como ator e me apresentar. Encontrei o programa de mestrado que me interessei, por isso fiz o processo seletivo e conquistei uma vaga no programa de mestrado em estudos culturais.

Como foi difícil escrever este texto falando sobre o que é ser gay, porque, para mim, ser gay é ser tudo o que sou. Não consigo separar o que é ser gay de qualquer outra face da minha identidade. Quando sou amigo, sou amigo e continuo sendo homem gay. Quando sou professor, continuo sendo homem gay. Quando sou homem gay, continuo sendo escritor. Quando sou ator gay, continuo sendo homem trabalhador. Em nenhum momento sei dizer a origem de qualquer uma destas características. Consigo compreender de modo geral como elas foram surgindo e me transformando em quem eu fui, sou e serei. Em muitos momentos não escolhi nenhuma delas e em outros momentos escolhi cada uma delas. Enfim, acima de tudo, o humano que sou foi construído a partir de todas as minhas experiências individuais e coletivas: relações, orientações, escolhas, imposições, restrições, liberdades e por aí vai.

THIAGO SAVEDA

UM CRONOGRAMA SOBRE AUTO ACEITAÇÃO

Quando tratamos do processo de aceitação da sua sexualidade precisamos ir muito mais além que a época em que de fato decidimos "sair do armario". No meu caso começarei essa análise a partir da minha infância traçando uma linha cronológica até a época que definitivamente descobri quem eu realmente era.

Desde de muito novo eu sempre tive comportamentos que fugiam do padrão de meninos da minha idade. Minhas amigas do colégio eram, em sua maioria, meninas e eu sempre era questionado por minha mãe esse modo atípico de me relacionar. Naquela época, no auge de minha inocência infantil, eu não conseguia entender o porquê disso ser um problema.

No ensino fundamental I eu estudava em um colégio católico e para mim alguns dos momentos traumáticos dessa experiência eram as aulas de educação física - meninas de um lado jogando queimada, meninos na quadra jogando futebol. Eu sempre questionava a professora o motivo de eu não poder jogar queimada com as meninas se era o que eu queria. Por muitas vezes fui obrigado a jogar futebol com os garotos até que um dia sofri meu primeiro bullying, que tenho memória durante uma dessas aulas. Após esse episódio, a professora decidiu aceitar meu pedido e, a partir de então, pude fazer a aula junto com as garotas, mas sempre recebendo olhares de reprovação dos professores e outros colegas de turma. Eu não conseguia entender qual o problema de uma escolha tão simples, porém diferente, e porque ela causava tanta censura.

Ao final da quarta série, quando eu tinha em volta de 9 anos, conheci um garoto chamado João, ou Joãozinho como eu o chamava, e de cara criamos um laço muito forte que rompia todas as expectativas de amizade que eu já tinha vivenciado. A gente se entendia como se fosse um só, tornando ele o meu melhor amigo da minha infância. Um dia em uma brincadeira de criança acabamos dando um selinho um no outro. Um tempo depois mudei de cidade e perdemos total contato, mas até hoje consigo lembrar do seu rosto.

Após chegar em Fortaleza, entrando na minha pré-adolescência, tive que lidar com o choque de culturas de uma criança que saiu de São Paulo e foi morar no Ceará. No começo foi difícil, pois era como se eu tivesse que aprender do zero todo uma nova linguagem e me adaptar a esse contexto ao mesmo tempo em que eu entrava na puberdade e não conseguia entender exatamente minhas emoções e meus desejos.

Mais uma vez eu não me encaixava no grupo dos garotos encontrando nas meninas um refúgio para ser quem eu era sem sofrer abusos psicológicos. Porém, a partir do meu ensino fundamental II os ataques ao meu jeito diferente de ser foram ficando mais frequentes e mais pesados. "**Viadinho**" era como os meninos da sala me chamavam diariamente. Como alguém poderia me chamar de algo que eu nem conseguia entender exatamente o que aquilo significava? Aos 14 anos eu ficava com meninas, porém algo na minha cabeça já me mostrava que eu tinha um interesse que fugia aos padrões pré estabelecidos. Eu achava os meninos da minha sala bonitos mas não conseguia entender exatamente oque aquilo significava.

Conforme os anos foram se passando, os ataques foram ficando mais frequentes e junto deles o sentimento de negação: "**eu não sou isso que me chamam!**" eu pensava comigo mesmo. O assédio de meu colegas de sala se tornavem cada vez mais agressivos e só de ouvir a expressão "**viado**" eu ja começava a suar frio, tentando de todas as formas negar e sentindo vergonha de estar naquela situação. Eu tinha traços e trejeitos mais femininos, isso era inegável, mas por que eu era tão retalhado por ser assim? E cada vez eu me fechava mais e mais para fugir desses ataques que variavam de xingamentos até agressões físicas.

No primeiro ano do ensino médio eu tive a honra de conhecer e estudar com um garoto que definitivamente mudou minha vida e meu modo de me reconhecer. Um garoto negro, periférico, gordo e afeminado, mas que tinha uma segurança de si admirável. Ele simplesmente nao ligava para nada que falassem dele e se orgulhava em dizer que ele era "**bicha**" e que ninguem tinha nada a ver com isso. Seu empoderamento era excepcional e posso afirmar que ele foi a primeira refe rência LGBTQIA+ na minha vida. Sem pensar duas vezes, ele me acolheu e me mostrou que não existia nada de errado comigo e que eu podia ser feliz da forma como eu era. O ano era 2008 e eu tinha 15 anos.

Após essa experiência, eu consegui criar confiança em mim e entender melhor tudo que se passava pela minha cabeça, que eu tinha interesse por garotos, que eu tinha modos mais femininos de agir e que isso não era sinal de vergonha. Então saí da zona de fuga e comecei a me impor diante das situações de bullying e homofobia. Foi nessa época que assumi para todos meus amigos a minha orientação sexual, a qual eu carregava com orgulho e resistência.

Em 2009, aos 16 anos, eu já tinha total certeza da minha orientação. Guardava o dinheiro do lanche para comprar maquiagem pois era uma coisa que me fascinava poder me maquiar e me sentir cada vez mais livre, postar fotos no meu orkut com maquiagens feitas por mim e receber elogios disso, ver que eu não era uma aberração e que na verdade existiam outras pessoas iguais a mim.

Eu fui sendo tomado por uma sensação de liberdade de uma forma que não sentia mais vontade de manter as aparências para minha família.
Um certo dia minha mãe viu conversas minhas no msn com outro garoto e achou fotos minhas com maquiagens femininas. Eu não queria mais fingir então decidi contar a verdade para ela. No começo foi difícil, minha família não aceitou da melhor forma possível, minha mãe me colocou para fazer terapia com uma psicóloga, achando que se tratava de algum desvio psicológico. Foi muito doloroso e frustrante, ao mesmo tempo, não receber esse apoio, porém já era algo que eu imaginava que aconteceria.

Ao final do ensino médio eu já era uma pessoa totalmente convicta da minha orientação sexual, sem nenhuma dúvida e aos poucos ganhando o respeito da minha família. Minha irmã, mesmo sendo mais nova que eu, sempre me apoiou e me deu suporte quando eu achava que ninguém estaria ao meu lado e por isso serei eternamente grato a ela. Com o tempo minha sexualidade deixou de ser um tabu dentro de casa e cada vez mais fui sendo aceito pela minha família.

Um episódio que ficou guardado na minha memória até hoje foi um dia na casa da minha avó, a gente se arrumando para o casamento de uma prima e eu passando uma base no meu rosto, de repente um tio passa e solta uma piada dizendo que aquilo não era coisa de homem.... que eu não deveria fazer aquilo. Sem titubear, minha mãe logo respondeu: "**Deixa ele fazer o que ele achar melhor, se ele se sente bem assim não é da sua conta. Deixa meu filho**". Pode parecer um gesto bobo mas aquilo marcou o início da minha vida adulta como um homem homosexual.

Hoje carrego comigo um extremo orgulho de ser quem eu sou, das minha orientação e de saber que eu tenho apoio da minha família e amigos. Sem esse apoio eu não seria metade da pessoa que sou hoje.

Se você ainda está passando por essa fase de descoberta e aceitação, não importa sua idade, tome o tempo necessário. Não se pressione! O mais importante é se amar e ter consciência de que você será amado de qualquer forma. Algumas pessoas tentarão te dizer o contrário, mas não se deixe enganar! Tenha orgulho de você mesmo, não se esconda! Faça sua voz ser ouvida!

IGOR FONTELES

FLORZINHA DE MEU DEUS

Chegamos ao mês do **Orgulho LGBTQIA+** e temos inúmeros textos nesta mesma cartilha falando dos processos de autoaceitação e do orgulho de várias pessoas que representam alguma das letrinhas dessa grande sigla.

Eu nunca fiz um texto sobre mim e confesso que dá um medinho, principalmente, quando penso na temática central desta cartilha, as fases do antes, meio e depois da autoaceitação de ser quem se é de verdade. O medo aparece quando penso nessas três fases, mas com certeza mais na primeira delas, pois envolve falta de informação, cultura, criação, religião, abusos e intensidade, o que é a minha maior qualidade como ariano, ser intenso em tudo o que faço e vivo, porém, a minha própria família nem fazia ideia de tudo isso. Vamos iniciar então!

Eu nasci na capital mineira (Belo Horizonte - Minas Gerais) no final dos anos oitenta, numa família batalhadora e de extrema fé, seja pelo lado do catolicismo, seja pelo lado que "segue" o evangelho - os crentes. Então, em termos de criação, já era complexo por causa disso, somado com a separação dos meus pais, que conscientemente eu não vejo um problema nisso, pois minha mãe me criou tão bem - de certa forma. A única problemática que eu consigo pensar é essa dualidade de religiões e crenças, pois até os meus dezoito anos de idade eu ainda nem sabia para que lado ir de verdade, mas falarei sobre isso mais pra frente.

A minha infância foi muito bem vivida. Como eu brincava e criava tanto! Sempre com meus primos e primas, pois a minha família é supergrande. Mesmo meu pai não estando tão presente, eu tinha até mais contato com a família paterna do que com a materna. Éramos crianças felizes sim! Não posso negar. Brincávamos de comércio, pois a família vivia disso, casinha, bola, esconde-esconde, "lutinha" - as vezes eu era a Power Ranger rosa, as vezes o vermelho, recriávamos os shows de quem éramos fãs - eu já fui a Sandy e o Junior também.

Agora, até que ponto uma criança precisa apenas brincar e estudar? Sobre sexualidade, de como funciona tudo, quando é que os pais deveriam conversar sobre isso? O quanto os pais da minha geração também estavam preparados para conversar sobre isso? Concordo que era uma outra realidade, mas na hora de fazer dois filhos os dois conseguiram muito bem. Na hora de sair e curtir eram mestres nisso, tinham uma boa experiência de vida, enfim. O texto é sobre mim.
Eu sei que, desde os meus seis anos de idade, eu já me lembro de ter curiosidades sexuais por conta própria e assim fui vivendo. Graças a **D3US**, eu tinha vários primos para matar a curiosidade e se divertir. Mas aí, veio a época da escola, de forma mais pesada. Os anos noventa eram realmente punks para muitos, eu estudei na mesma escola do pré-primário até me formar no 3° ano do ensino médio. Todos me conheciam praticamente.

Na primeira metade dessa fase, eu fui uma criança introspectiva, tímida ao extremo, "cdf", queridinho dos professores - engraçado que só consigo me lembrar da minha primeira professora - não tinha amigos homens, apenas mulheres, nunca conversei com elas sobre a minha sexualidade, principalmente, pela falta de informação e pela criação "cristã", no entanto eu vivia tendo alguma experiência com homens na vizinhança, amigos e primos.

Todos viviam me chamando de viadinho, bichinha, florzinha - amo flores - sempre na **BRINCADEIRA**, a tal brincadeira que até hoje muitos usam como desculpa, mas que graças a nova era não é mais aceita.

Nessa primeira metade da época escolar, eu fui abusado sim, por pessoas de confiança da minha mãe. Ela precisava ir trabalhar para nos manter, pois a ajuda paterna era quase zero. Como eu comecei a descobrir a sexualidade muito cedo, eu não pensava na época que fazer aquilo com uma pessoa mais velha era um abuso que eu estava sofrendo naquele momento. Também jamais poderia contar para minha família, porque eu já era tão diferente da maioria dos meninos, além disso, iria me entregar como gay que eu não aceitava de maneira nenhuma ser, porque isso era do **DIABO**. Então me calava, sofria sozinho, pois sempre depois de todas as experiências eu me sentia culpado por ter feito aquilo, imaginava que o **DEMÔNIO** estava comigo, ou em mim – que eu estava "possuído".

Sempre que me perguntavam sobre eu ser gay ou não, eu negava rapidamente e ria. Foi rindo dessas perguntas que consegui me enturmar com a galera e começar a segunda fase da escola, na minha adolescência. Neste período, eu me tornei uma pessoa descolada, que falava palavrões - falo até hoje, aleluia!

Foi também nessa fase que eu passei de oprimido a opressor. Sim, e fui por muitos anos até!

Eu vivi intensamente a minha adolescência, sempre tendo as mesmas experiências de brincadeiras e beijos, mas sem penetração até meus 16 anos. Nesta idade aconteceu a minha primeira masturbação, super tarde e sem saber nada sobre isso, foi naturalmente, durante os "troca-troca" da vida.

Da mesma maneira que foi incrível sentir aquilo, veio o peso e a culpa por ter vivido aquelas coisas. Nessa época minha mãe já era evangélica há alguns anos. Então a Palavra do **SENHOR** era o único ensinamento que existia sobre a vida.

Eu ainda não me jogava real na igreja, pois eu vivia indo ou na católica ou na evangélica, para ver qual eu teria mais sintonia, porém eu estava mais velho e conseguia ouvir a tal Palavra de **DEL$** e ignorar o que já não fazia sentido para mim. Principalmente, porque o óbvio eu já havia entendido sem a ajuda da família, dos padres e dos pastores, que ser cristão é seguir os passos de Jesus, que sempre ensinou que devemos amar a todos como a nós mesmos, sem **JULGAMENTOS**, mas enfim...

Antes de eu adentrar real na igreja - para conseguir uma resposta divina real, eu vivi intensamente a minha adolescência sendo emo/roqueiro, micareteiro até conhecer a música eletrônica, começando a frequentar raves - época maravilhosa - mas eu nunca ficava com homens nessas festas, tentava me encaixar na figura macho alfa pegador, tentava pegar meninas nos eventos, até pegava, mas não sentia 1% de tesão, era um beijo técnico, praticamente um ator - o que desde criança quis ser mas não tive grana para seguir nesse sonho.

Depois da primeira masturbação/penetração, eu comecei a agir na vibe #vidaloka, eu aceitava entrar em qualquer carro que aparecesse do meu lado na rua, à noite, e ir para o primeiro motel que aparecesse com pessoas que nunca mais via, nem sabia o nome, e curtia tudo ali, possuído – no entanto não pelo diabo, pela própria Raquel Pacheco (Bruna Surfistinha), mas sem ganhar nada. #chatiado

Por sorte, quer dizer, graças à Divindade eu não tive problema com isso. Quer dizer, mais ou menos, pois quando eu terminava o sexo, eu sentia um nojo da pessoa, não era de mim - como em muitos casos, mas era da pessoa mesmo, eu não queria nem olhar mais para ela, queria ir embora rápido e sei que muitos sofrem isso. Aqui eu já conversava com o meu **DEUS**, que é diferente dos demais e por isso coloquei escrito de forma estranha acima. Eu já tentava entender o que eu era com Ele, já pedia ajuda nesse sentido, eu tentei até ter uma namorada, gostei dela, mas tinha zero tesão nela e isso era horrível, pois como que eu iria fazer sem ter tesão para isso? Fiquei nessa loucura emocional e psicológica até meus 21 anos.

Durante a adolescência, eu tentei fazer teatro, entretanto realmente era para quem tinha grana para isso, eu precisava trabalhar e fazer uma faculdade - trabalho desde os meus 13 anos - e a escolha do curso que veio na minha mente foi Biologia Marinha. Um mineiro querendo estudar isso? Loucura da cabeça do Diego. Só pode. Nem praia conhecia. Fui conhecer o mar já era maior de idade. Acho que pode ter sido, porque a minha tia e meus primos viviam indo à praia, pode ser também para ir embora daquela cidade que trazia toda essa complexidade de vida para minha mente, mas **JURO**, nunca soube dizer de verdade o porquê.

Mas nunca quis, conscientemente, fugir de BH por conta da minha sexualidade, mas tentei várias vezes, até conseguir uma bolsa de estudos no curso sonhado, que me deu força para ir sem condições financeiras nenhuma, mas fui, apenas fui e consegui conquistar o que fui fazer, me formando com a ajuda principal de pessoas que eu nem conhecia antes de me mudar para o Rio, pois a família realmente não "podia" me ajudar.

Uma semana antes de ir, o que poderia acontecer ainda em BH? Eis, que na época, fora os carros e motéis aleatórios que eu sempre vivia - mesmo com nojo dos caras - já existia app de pegação e num encontro desses eu conheci uma cara muito legal, o encontrei, ele estava de carro e tivemos uma troca - de conversa mesmo - muito boa, como nunca antes, de BH para o Ouro Preto, no final da tarde de um domingo, conversando e rindo o tempo todo. Nem sabíamos que iríamos para cidade histórica naquele encontro e naquele horário - tarde, mas foi, e foi incrível! Procurávamos uma cachoeira, tudo fluía naturalmente, nem havia beijado ele ainda. Na trilha que levaria a essa cachoeira rolou o primeiro beijo e foi especial, porém a conversa e a vontade de chegar no local foi muito maior e seguimos.

Chegando ao local, final de tarde, a cachoeira ficava dentro de uma gruta, que eu jamais entraria, escura e fria. Aí avistamos uma caverna e quando entramos nela, chegamos em um abismo extremamente alto, e foi ali, no pôr do sol que rolou o meu primeiro sexo real, sem nojo e pronto para se tornar a minha primeira paixão, a minha **LIBERTAÇÃO**. Tudo que a gente sente quando se está apaixonado é tão puro, verdadeiro e forte, que não dá para falar que isso que eu estava sentindo por ele era o tal demônio, diabo, seja o que for, era paixão e que ficou no meu corpo, na minha mente, no meu sentir por meses, me fazendo vibrar a minha própria aceitação, de forma verdadeira e genuína com ajuda do meu DEUS - do Universo, que me colocou naquele cenário cinematográfico para sentir tudo o que eu nunca havia sentido em meus 21 anos de vida. É um chão minha gente! É muito louco pensar que uma pessoa viveu tanto tempo sem sentir paz consigo mesmo.

Quebrando o encanto um pouco, eu tive que escolher entre ele ou meu curso em Niterói, foi muito difícil, mas Liberdade é o meu sobrenome, fui, sofri por quase 4 meses, mas sobrevivi.

Depois disso foi só alegria, autoconhecimento. Vivi períodos no Rio de Janeiro que eu deveria fingir por um tempo no meu trabalho que eu era hétero - conselho do meu chefe, mas sabe, um ano depois eu já estava no meu primeiro namoro, depois outro, todos durando pouquíssimo, eu não tinha experiência nenhuma né!? Foi como deveria ser!

A minha preocupação de me assumir sempre esteve atrelada apenas a minha mãe. Foi em uma madrugada aleatória, que eu acordei com uma necessidade sobrenatural de me assumir para minha mãe, fazendo isso, eu não teria mais medo e vergonha, pois, por tudo o que ela pode fazer por mim, ela era a única pessoa que eu me importava em receber essa notícia. E assim fiz - por mensagem – porém, foi como consegui me desabafar.

Ela agiu de forma bem leve, bem diferente do que eu imaginava, mas deu a carteirada bíblica, eu sinceramente não liguei para isso. O importante foi que eu falei, não queria saber a opinião dela, mesmo porque não mudaria em nada. Hoje estamos na mesma, ela me ama, no entanto, a bíblia fala mais alto. Amém!

Hoje estou em união estável, luto pela comunidade LGBTQIA+ há dois anos praticamente, da forma como eu consigo, mas sei que vai aumentar muito mais a cada ano que passar. A Colors nasceu dessa vivência, dessa vontade de ser quem somos, dessa intensidade vivida em há pouco mais de 32 anos e de sabermos que o que mais queremos é dar Voz a muita gente que viveu e vive apagada por ser quem é.

Fico feliz de ter dividido essa história com você.

E saiba que essa é a primeira edição desta **Cartilha do Orgulho** e em breve lançaremos outras. Se você deseja participar, me chame no direct que vamos agitar isso.

Até a próxima!

DIEGO AGANETTI

CRÉDITOS

COLORS DJ MAGAZINE

EDITOR-EXECUTIVO - Diego Aganetti

EDITOR-CHEFE - Cadu Bondezan

PRODUÇÃO - Diego Aganetti

www.colorsdj.com

CARTILHA DO ORGULHO LGBTQIA+ PROCESSOS DE AUTOACEITAÇÃO

TEXTOS:
Cadu Bondezan
Carla Baker
Diego Aganetti
Fe Tavares
Hebert Villela
Igor Fonteneles
Jan Kumagai
Jules
Kukua Dada
Ravi Silveira
Tati Fernandes
Thiago Saveda

REVISORES:
Cadu Bondezan
Thiago Saveda

DIAGRAMAÇÃO:
Ivan T. Design

CAPA:
Ivan T. Design

1ª EDIÇÃO
JUNHO / 2021

IVAN T. DESIGN STUDIO
www.**ivantdesign**.com.br